

CIÊNCIAS HUMANAS

# **A Área de Ciências Humanas**

Autora:  
Gracilda Alves

Janeiro de 2005



## A ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANAS

---

*Mas o ideal é que a escola me prepare pra vida  
Discutindo e ensinando os problemas atuais  
(Gabriel, o Pensador, Estudo Errado)*

A preocupação da equipe da área de Ciências Humanas foi refletir com os professores sobre a realidade e os desafios do ensino público no Estado do Rio de Janeiro, e confirmar o nosso compromisso com o ideal de uma escola pública de qualidade para todos.

Gostaríamos de destacar que repensar e rediscutir as práticas curriculares não é por si só a solução dos problemas educacionais, pois estes envolvem diversas realidades que devem ser analisadas. Dessa forma, este documento está muito longe de ser uma imposição; pretende ser um instrumento que estimule o diálogo, o pensar, o debate, o questionamento e a reflexão sobre as práticas educacionais e o processo de ensino-aprendizagem.

Foi muito importante a participação dos professores do Estado na elaboração deste documento. O olhar e a experiência desses especialistas, nas diversas escolas e séries, produziram uma discussão profícua e um documento que procura estar próximo à realidade e às condições de trabalho existentes nas escolas do Estado. Em cada uma das disciplinas foi apresentado um conjunto de sugestões e orientações com o objetivo de alcançar a melhoria na qualidade do ensino.

Uma das preocupações da área de Ciências Humanas foi equacionar o binômio ensino-aprendizagem no ensino fundamental e médio. Partimos da premissa que a aprendizagem não é só a acadêmica, mas, também, aquela que forma o indivíduo para a vida. Dessa forma, podemos concluir que ela não se encerra na escola, mas que é continuada ao longo da vida a partir da elaboração de posturas que refletem os conteúdos históricos, geográficos, filosóficos e sociológicos.

Podemos considerar que a postura ética e crítica do indivíduo abarca a assimilação e a reconstrução dos conceitos, da cultura e do conhecimento público da comunidade social<sup>1</sup> no qual está inserido. É possível afirmar, portanto, que a escola exerce um papel fundamental “no desenvolvimento das pessoas e das sociedades”<sup>2</sup>.

Os conteúdos contemplados pelas disciplinas que compõem a área de Ciências Humanas são o resultado da produção cultural humana e, portanto, estão constantemente sendo elaborados e re-elaborados. Dessa forma, essa produção é socialmente necessária para que os alunos possam viver integralmente suas vidas, seja no campo profissional, social ou político.

---

<sup>1</sup> SACRISTÁN, J. Gimeno, GOMÉZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 93

<sup>2</sup> ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre – imagem e auto-imagem*. Rio de Janeiro: Vozes, [19--], p. 95

A preocupação das disciplinas da área de Ciências Humanas foi inferir quais são os conteúdos programáticos e os conceitos fundamentais, necessários e insubstituíveis, que devem ser por cada professor/escola discutidos e aprofundados em diversos níveis. Foi considerando essa realidade que a proposta de reforma curricular aqui apresentada tomou como base a carga horária de cada disciplina e instituiu os critérios necessários – a partir de uma discussão que levou em conta a legislação existente, a experiência dos professores envolvidos, entre outros – para a escolha e seriação dos conteúdos. Entendemos que a decisão final sobre o que ensinar e como ensinar cabe, em última instância, ao professor, ou seja, o papel desempenhado pelo professor é essencial e vital no processo ensino-aprendizagem.

Na elaboração desta proposta, foram analisados os diversos tipos de materiais disponíveis que facilitam o trabalho do professor em sala de aula, tais como: livros didáticos, filmes, páginas de Internet, músicas, mapas, pesquisas, jornais etc. Todo este material deve ser avaliado e criticado por parte do professor.

A escola deve garantir ao aluno o conhecimento acumulado através do tempo e do espaço e integrá-lo à memória coletiva do grupo, comunidade, nação a que pertence. Essa memória é eivada de valores, símbolos, artes, culturas e técnicas que fazem parte do consciente coletivo da humanidade, constituindo um material ao qual todos têm direito. Assim, a escola integra e garante o direito do aluno ao saber intelectual e à cultura.

A sociedade brasileira tem passado por mudanças visíveis, que são decorrentes da globalização, diversificação da informação, dos desdobramentos na produção, das novas necessidades imputadas pela produção, pelos avanços científicos, pelos questionamentos interpessoais, pelas questões éticas, pela informatização, entre tantos outros, que cada vez mais exigem um cidadão consciente e participante.

O espaço da escola é um local privilegiado para a formação do indivíduo, ou seja, é um espaço no qual o aluno começa a exercer e exercitar os seus direitos e deveres.

É na escola que se aprende “a olhar o mundo e, para isso, é fundamental a dimensão ética. Na escola não só se transmitem normas, valores e direitos, como se aprende a olhá-los, reconhecê-los, criticá-los”<sup>3</sup>. E para exercer sua crítica, o aluno tem de ter acesso aos diversos saberes/disciplinas, para desenvolver a sua consciência crítica. Ele vai “pensar em como se deve responder à situação de desigualdade e à desigualdade cultural”<sup>4</sup> que ele encontra na sociedade.

A escola está inserida numa realidade que requer a formação de indivíduos dispostos a uma participação social e política ativa, além do desenvolvimento de posturas ligadas à solidariedade, cooperação, diálogo e respeito ao outro e ao meio ambiente que o cerca. A formação do aluno passa, também, pela formação de uma consciência ecológica e pela compreensão da finitude dos elementos que constituem a natureza – como a água potável – e que devem ser utilizados de forma criteriosa.

Verificamos que a questão da cidadania, perpassando a questão da escolarização, é um viés histórico – a noção de cidadania com seus diversos matizes, desde a Grécia até as grandes revoluções burguesas, tornou-se um problema moderno e que vem acompanhando o cotidiano<sup>5</sup> – na medida em que o ensino-aprendizagem envolve conteúdos que permitem ao aluno uma análise do mundo que o cerca. Ao entender os diversos processos políticos, ele terá condições de discutir e questionar as plataformas políticas, as promessas e, assim, votar com consciência e ter uma participação ativa na sua comunidade.

Entendemos também que, ao se pensar no ensino médio como conclusivo, estamos inferindo que é a função da escola criar “uma cultura, não apenas do ‘trabalho’, mas uma cultura mais ampla, centrada

---

<sup>3</sup> GENTILI, Pablo. *Privatização interfere no sistema educacional*. Jornal do Brasil, 02 de julho de 2000.

<sup>4</sup> GARCIA, Regina Leite, MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). *Currículo na contemporaneidade*. [S.]: Cortez, 2003, p. 11

<sup>5</sup> FERNANDEZ, Maria Del Carmen. *Cidadania y educación: El surgimiento de dos tradiciones em el escenario político moderno*. Dimensões. 2003. N.15, p. 48

precisamente nos valores e objetivos da nova dinâmica de produção e do consumo”<sup>6</sup>, e que está abrindo um leque de possibilidades para o aluno enquanto participante de uma comunidade globalizada.

Uma das tarefas da escola é a inserção das pessoas no mundo do trabalho. Ela deve possuir uma dimensão cultural, política, antropológica, sociológica e histórica da vida humana. Cabe à escola garantir uma educação de qualidade e inclusiva, portanto ela deve ser entendida como formadora de tempos humanos. Assim, a escola ao preparar o aluno, deve prepará-lo para enfrentar a vida, com as competências técnicas e humanas necessárias e requisitadas nas entrevistas, nos concursos e no vestibular. É um tempo de gestão e formação.

A escola é um espaço de reflexão, de transformação, de criação e gestação. Em cada uma delas, a ação transformadora do saber e da participação traz inúmeras conseqüências ao corpo discente, que são desencadeadas a partir do ato de ler e escrever e possibilitam que os alunos entendam as diversas realidades sociais e, simultaneamente, integrem-se no mundo do trabalho, da sociedade e da universidade.

Vivemos numa sociedade que é caracterizada por sua complexidade, e a escola é o local onde os fenômenos sociais e as diversas formas e concepções de vida social são trabalhados, analisados e discutidos nas diversas disciplinas. Portanto, reafirmamos que “as disciplinas nos ensinam muita coisa, é preciso que elas se incorporem a esse mundo extremamente dinâmico, de mudanças rápidas”<sup>7</sup>. Enfatizamos que cada disciplina deve estar ligada com a formação cognitiva e cívica dos alunos. Por isso, o papel do professor é tão importante. Cabe a ele, no espaço da disciplina por ele ministrada, alargar a riqueza e complexidade dos conteúdos a serem desenvolvidos com cada turma. Dessa forma, o professor se vê diante de diversos desafios, entre os quais o de encontrar “o meio termo entre o desafio à lógica disciplinar e a sistematização dos conteúdos”<sup>8</sup>. Na construção dessa realidade, é necessário o diálogo entre as disciplinas.

A interdisciplinaridade deve reconhecer o domínio de cada área. Ela não deve conduzir à diluição das fronteiras das disciplinas, nem ser entendida como um fim delas, mas sim oferecer as condições necessárias para a coexistência de um diálogo entre as mesmas. Não é uma tarefa fácil a construção da idéia de interdisciplinaridade. Por isso, verificamos que “as disciplinas têm sido preservadas nas propostas interdisciplinares”<sup>9</sup>. Essa realidade está assentada na necessidade de sistematização do processo ensino-aprendizagem. Dentro de cada disciplina existe um conjunto de conteúdos capazes de preparar o aluno para o vestibular, para o mundo do trabalho e para a vida. Mas é necessário um diálogo entre elas, ou seja, entre os diferentes conceitos e métodos.

Essa interface entre as disciplinas tem a finalidade de estabelecer uma relação que leve o aluno a compreender, processar, pensar, criticar e incorporar os diversos conteúdos e as ligações entre elas, permitindo-lhe uma construção coerente e lógica dos conhecimentos adquiridos nas diversas áreas. Dessa forma, ao analisar a legenda de um mapa, podemos estabelecer a interdisciplinaridade entre a geografia, a história, a língua portuguesa e a matemática, por exemplo.

Cada escola deve formular um projeto político pedagógico que possibilite esse diálogo, a partir de objetivos bem precisos e de um planejamento adequado à faixa etária dos alunos, à realidade da escola e da comunidade. Por isso, alertamos que a elaboração desses projetos deve contar com a participação do professor e, simultaneamente, deve ser objeto de uma avaliação permanente dos seus objetivos e resultados.

---

<sup>6</sup> DUARTE, Geni Rosa. *Ensino médio: do mundo da escola ao mundo do trabalho -, passando pelo ensino de História*. Dimensões 2003 N.15, p. 37

<sup>7</sup> BERTICELLI, Ireno Antônio. *Currículo: tendências e filosofia*. In: O currículo nos limiões do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 159

<sup>8</sup> MOREIRA, Flávio Barbosa. *Disciplinas ainda têm seu lugar*. Jornal do Brasil. 22 de outubro de 2000.

<sup>9</sup> Ibidem.

A comunicação entre as diversas disciplinas permite ao aluno compreender a complexidade do conhecimento humano e a necessidade do diálogo entre os diversos saberes, ou seja, que estes não estão prontos e embalados numa caixa disciplinar, mas são uma construção lógica e permanente que requer capacidade de escutar, trocar, dialogar, interpretar, cruzar, elaborar, processar e aprender com os colegas, professores e disciplinas.

Gostaríamos, ainda, de assinalar que a questão da avaliação foi assunto de discussões durante a elaboração deste documento. Em todo processo de ensino-aprendizagem ela deve ser constante, não só através das avaliações formais como também a partir do acompanhamento diário do aluno. Acompanhar e avaliar são operações necessárias e inerentes ao processo de aprendizagem. É a partir da avaliação continuada que o professor pode detectar as falhas do aprendizado.

O homem, ao longo da História, foi o agente da produção de conhecimento, da sua conservação e transmissão. A própria produção e o desenvolvimento do conhecimento levaram a uma especialização disciplinar. Dessa forma, a organização do saber vai variar consoante o tempo/lugar ou tempo/espço. Isso permite “discursividades diferentes, em que habitam filosofias resultantes das intencionalidades que produzem”<sup>10</sup>. A sistematização do conhecimento a partir do que ensinar e como ensinar é carregada de significados políticos. Essa realidade pode explicar “o que levaria a uma Geografia mais física, e o que levou, depois, a uma Geografia mais econômica; o que determinou uma abordagem mais factual da História, primeiro e, hoje, uma História mais interpretativa”<sup>11</sup>.

O ensino da História tem como preocupação não a transmissão erudita de conhecimentos, mas a formação de inteligências muito mais complexas e permanentes, que envolvem habilidades intelectuais, emocionais, estéticas, sociais, interpessoais e políticas.

O saber histórico permite ao aluno ter uma posição crítica frente ao mundo globalizado que o cerca, posição imbuída do viés científico e tecnológico fornecido pelo conteúdo histórico. Ler, criticar, pensar e dialogar são operações vivenciadas no cotidiano do labor historiográfico que é processado ao longo dos sete anos – fundamental e médio – escolares. A partir desse processamento, o aluno adquire um conhecimento e uma inteligência que lhe permitem dialogar com a imprensa – falada e escrita – e posicionar-se frente à totalidade dos acontecimentos históricos. Estes envolvem não só o passado longínquo, enquanto passado, mas as diferentes formas de ser, viver e pensar dos homens num constante olhar contemporâneo. A História é uma construção do presente; pertence à atualidade dos tempos e assim é vivenciada e estudada pelo homem. Dessa forma, o processo de aprendizagem exige do professor uma permanente atualização e, do aluno, sua inserção no mundo.

Por ser uma construção do presente, verificamos que esta disciplina integra o homem ao seu cotidiano, permitindo-lhe fazer operações entre as diversas culturas, quer das sociedades passadas quer das contemporâneas. Pensar, repensar e analisar é uma operação aprendida e reiterada pela vida afora.

A Geografia torna-se um campo fértil e privilegiado na interlocução com o aluno, considerando que ele vive imerso na globalização, numa verdadeira teia em que o seu espaço está interligado a muitos outros, próximos ou distantes. O aluno está no mundo e o mundo nele. Esta disciplina estuda e analisa não só o espaço físico, enquanto físico, mas, também as interferências provocadas pelo homem nas suas diversas atividades produtivas – agricultura, criação, entre outras. Mas, também, os territórios, paisagens, populações, urbanização e as questões ambientais. O espaço é o *locus* das dinâmicas espaciais, sociais, culturais e política. A Geografia leva o aluno a entender o espaço geográfico, suas transformações e, dessa maneira, formar uma consciência de si e do mundo que o cerca.

---

<sup>10</sup> BERTICELLI, Ireno Antônio. *Currículo: tendências e filosofia*. In: O currículo nos limiares do contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 159

<sup>11</sup> MOREIRA, Flávio Barbosa. *Disciplinas ainda têm seu lugar*. Jornal do Brasil. 22 de outubro de 2000.

O eixo determinante da Filosofia é o de ensinar a pensar, segundo o quadro referencial filosófico, o que leva ao exercício do pensamento. Essa tarefa deve ser desenvolvida a partir dos textos filosóficos. Diversos são os temas discutidos pela Filosofia que têm comunicação com outras disciplinas: a relação entre conhecimento e verdade, por exemplo, é estudada necessariamente na Biologia, na Matemática, na Física, na História, entre outros, e em cada uma delas encontramos uma justificação para essa definição.

A Sociologia busca problematizar os fenômenos sociais em sua complexidade e diversidade, exigindo do professor criatividade e competência para a difícil tarefa de sensibilizar o aluno para a reflexão sociológica. A apreensão do conhecimento sociológico e da sua historicidade promove habilidades cognitivas – o olhar e a escuta sociológica – que pressupõem o conhecimento dos conteúdos dinamicamente tratados e contextualizados. Ela estabelece um diálogo permanente com a realidade que cerca o aluno, quer seja no seu contexto, no seu cotidiano mais imediato e próprio, ou mais afastado temporal e espacialmente.

Podemos concluir que a área de Ciências Humanas desenvolverá no indivíduo a capacidade de expressar e comunicar suas idéias, participar e interpretar as produções culturais, intervir pelo uso do pensamento lógico, da criatividade e da análise crítica. Tal processo é viabilizado pelas disciplinas que permitem ao aluno o seu crescimento como cidadão consciente e crítico, com inserção social, política e compromisso histórico, além do exercício cotidiano dos seus direitos, deveres, atitudes, condutas, com uma atitude de respeito às diversidades e autoconfiança. Dessa forma, a cidadania deve ser entendida como um conjunto de saberes úteis à vida – quer seja intelectual ou profissional.

## Referências

- ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre – imagem e auto-imagem*. Rio de Janeiro: Vozes, [19--].
- BERTICELLI, Ireno Antônio. Currículo: tendências e filosofia. In: *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- DUARTE, Geni Rosa. *Ensino médio: do mundo da escola ao mundo do trabalho, passando pelo ensino de História*. Dimensões. 2003. N.15.
- FERNANDEZ, Maria Del Carmen. *Cidadania y educación: El surgimiento de dos tradiciones em el escenario político moderno*. Dimensões. 2003. N.15.
- GARCIA, Regina Leite, MOREIRA, Antônio Flávio (Org.). *Currículo na contemporaneidade*. [S.l]: Cortez, 2003.
- GENTILI, Pablo. *Privatização interfere no sistema educacional*. Jornal do Brasil, 02 de julho de 2000.
- MOREIRA, Flávio Barbosa. *Disciplinas ainda têm seu lugar*. Jornal do Brasil. 22 de outubro de 2000.
- RIBEIRO, Sérgio Costa. *Dossiê Educação I*. Estudos Avançados. V.5. maio/agosto N.12, 1991.
- SACRISTÁN, J. Gimeno, GOMÉZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

